

Carlos J. F. Jorge, *Ferreira de Castro: A Violência da Natureza e dos confrontos sociais*, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2025, 208 pp.

Cristiana M. Oliveira¹
 Universidade de Évora – CIDEHUS
 cristiana.oliveira@uevora.pt
 orcid.org/0000-0002-1165-0741

Em setembro de 2025 foi publicado o primeiro livro da coleção de ensaios do Centro de Estudos de Ferreira de Castro que visa reunir, em volume, artigos dispersos de autores que se debruçam sobre Ferreira de Castro, facilitando assim a consulta. O primeiro autor escolhido foi Carlos J. F. Jorge, Professor Emérito da Universidade de Évora, e “um castriano em Évora” (Carlos Castro, Direcção CEFC), falecido em 2024. Além da homenagem que o Centro de Estudos pretende prestar ao autor com este livro, há também uma intenção de extravasar pensamentos dominantes e lugares-comuns no campo literário e não só. O trabalho de paginação e fotografia é de Nuno Marques Mendes, e a apresentação e as notas de rodapé são da responsabilidade de Ricardo António Alves (Conselho Editorial CEFC) que será, por sua vez, o segundo autor escolhido.

O livro está dividido em oito partes (apresentação, seis ensaios, bibliografia), intercaladas com sete fotos a preto e branco. A escolha das tonalidades acromáticas e dos elementos naturais remetem para a paisagem de uma *aldeia nativa* – o mineral, o rupestre, o etéreo – e evocam contextos sociais duros e difíceis, marcados pela ação violenta da natureza e do homem. Ademais deste diálogo explícito, existem outros implícitos e simultâneos, entre a imagem e o texto, nos seguintes aspetos: a paixão pelas árvores de Ferreira de Castro; a visão ‘selvagem’, isto é, de espírito intelectualmente livre do autor que contém “um pensamento estruturado que age por si próprio” (p.16); e as relações literárias e artísticas, plasmadas nas referências à antropologia, à pintura, ao cinema contemporâneo, à banda desenhada, entre outros.

A apresentação do livro intitula-se de “Quando o estudo se impõe”. Título que, por si só, perfilha a estética dos contrastes pictóricos e textuais, presentes neste livro-objeto. Ricardo António Alves contextualiza a origem da estima intelectual, e expõe com grande poder de síntese quem foi este docente da Universidade de Évora, como ensaísta e como castriano. A sua “[...] mundivivência, quando sólida, desde que transparente e não dissimulada, dão

¹ Este trabalho de investigação foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através da bolsa de doutoramento com referência 2024.00278.BDANA.

consistência à leitura ensaística [...] “(p.16), e permitiu-lhe ver mais além, quando poucos o faziam, tendo escrito sobre “narrador” e “personagem”, e sobre o papel da descrição na obra ficcional castriana. Isto desembocou numa abordagem comparatista e criteriosa do tempo e do espaço nos romances de formação, e da literatura de viagens do autor de *A Selva*.

O primeiro ensaio chama-se “Apresentação de uma obra prosélita: Breve nota de enquadramento histórico-literário de Ferreira de Castro” que nos descreve uma obra pulsante que é, por sua vez, a expressão máxima do escritor: “Assim, não seria a vida e a existência social que explicariam a obra, como queria um certo biografismo tradicional, mais conformista, mas seria, antes, a obra, o fazer da obra, a luta pela obra, que ajudaria a explicar o homem.” (p.23). O fazer da obra e a luta pela obra sugerem uma inversão da perspetiva tradicional, e desafiam qualquer biografia. A linha transversal, que atravessa esta breve nota, é o modo inovador de Castro não só nas correntes estético-literárias portuguesas e europeias, bem como no reconhecimento ontológico da humanidade.

O segundo ensaio “Lugares do Idílio e Espaços do Exílio nos primeiros romances de Ferreira de Castro” assinala a notabilidade e o modernismo da funcionalidade descritiva em Castro. O ensaísta sugere uma reavaliação da obra castriana, sob a égide de princípios naturalistas e modernistas, questionando a problemática do cânone: “[...] talvez não tenha havido apenas um modernismo, mas vários [...]” (p.63).

Avançamos para o terceiro ensaio “Espaços de Ruptura e Lugares de Comunhão: Encontros com o Outro e Descentramentos do Eu nas “Selvas” Ficcionais de Ferreira de Castro”. Logo aqui percebemos a multiplicação dos espaços e o desdobramento do *Eu* através de movimentos de rutura que descentram o indivíduo, e encontram o *Outro*. Ambos são indicadores do modernismo, caracterizado pelo corte radical com o tradicionalismo estético, e pela busca incessante de novas formas de expressão. A referência ao *O Instinto Supremo* pela representação despojada da paisagem amazónica contrasta com a exuberância das representações descritivas de *A Selva*, e com as representações dos espaços sertanejos em *Emigrantes*. A partir desta diferença, o ensaísta enuncia o discurso do narrador não só como um mero quadro representativo do cenário e da ação, mas também como um delineamento preciso dos locais e das sequências dramáticas. A análise ensaística não circunscrita é uma mais-valia para percebermos como o autor literário se relaciona com outras disciplinas das ciências sociais e humanas, e Carlos J. F. Jorge fá-lo na conclusão deste ensaio, atenuando possíveis tensões: “A antropologia de Nimuendaju assenta na afirmação da necessidade da «História» e do «Progresso».” (p.94).

Avançando agora para o quarto ensaio “A descrição como referência poética e documentário n’ *A Selva* de Ferreira de Castro”, o ensaísta estabelece duas âncoras para o descritivo do romance – a *ecphrasis* e a *enargia*. Duas designações que esmiúçam o saber etimológico até à técnica de matizar e dominar os cambiantes que a descrição oferece na criação ficcional e poética. Desta guisa, a análise minuciosa de Carlos J. F. Jorge dá-nos acesso ao *interior da selva* e ao variado universo social, cuja modalidade própria do tempo é o efémero: “[...] toda a perspectiva é a de uma *chegada*, ou uma *partida*, nunca é a da *permanência*.” (p.108). O carácter transitório e impermanente da ação agita o olhar do protagonista e aviva a descrição. Existe um permanente encontro do olhar com as paisagens exteriores e interiores, e a *demarcação alargada* das situações pontua as relações do sujeito do olhar com a alteridade e com o cronótopo da mesma; afirmação sustentada pelo suporte teórico-filosófico de Bakhtine: “o cronótopo do limiar é o cronótopo da *crise*, da *mudança de uma vida*.” (p.109). Novamente, a funcionalidade da descrição extrapola os limites da literatura, e alia-se a outras áreas que não a literária, expandindo as vias de interpretação.

O penúltimo e quinto ensaio “*Perigeias*: Um humanismo planetário entre as duas guerras – Algumas problemáticas histórico-literárias em torno de *La Vuelta al Mundo de un Novelista* (1924) de Blasco Ibáñez e *A Volta ao Mundo* (1940-1944) de Ferreira de Castro” lança o mote de dois escritores ibéricos terem publicado um relato de viagem. O facto do percurso e título serem bastante similares poderia torna-se uma repetição e/ou redundância, especialmente para Castro que publicou vinte anos depois de Blasco, aquando do auge da sua difusão em Portugal. Segue-se então o aprofundamento das questões que estes textos coincidentes levantam, em vez da prolongação da simplificação da história literária que apagou um conjunto de autores. A ver do ensaísta, o ponto de partida das duas *perigeias* ibéricas é igualmente humanista, guiada pelo historicismo positivista latente, e pelos valores da civilização ocidental. A visão unitária da humanidade tem roupagens distintas em ambos os escritores, mas a visão do Outro *semelhante* é completamente integradora das diferenças culturais: “O que surge, de modo inovador como proposta humanista, é o ser diferente nos seus fundamentos culturais, mas idêntico na sua valorização ontológica.” (p.144). Esta visão comum procura a unidade na humanidade, independentemente das diferenças, e enfatiza a componente antropológica, tornando estes dois viajantes peninsulares em antropólogos modernos, conceção da crítica literária de Pierre Campion.

O último e sexto ensaio “A selva amazónica em Ferreira de Castro e outros Amazonas: Um rio entre os rios e o caudal dos mitos (*Notas para uma investigação em curso*)” torna proeminente o tópico do rio, desde as origens

hebraicas, clássicas, greco-romanas ao renascentismo humanista; e a expressão temática e simbólica no imaginário fluvial de *A Selva*. Esta primeira parte do ensaio pretende introduzir um mapa informativo das configurações do rio ao longo dos séculos XIX e XX, diagnosticando relatos de descoberta das novidades do mundo, e relatos diarísticos e documentais. A segunda parte rebusca o cronótopo do limiar e da crise de Bakhtine para falar sobre a demarcação de universos, e sobre a estrutura do limiar no quadro de sugestões narrativas e de relatos literários. Esta estrutura temática encontra-se ligada ao romance de aprendizagem e, intrinsecamente, ao processo descritivo. A impermanência entre chegar e partir marca o compasso da inconstância da personagem, sitiada *entre mundos*, e suspensa entre realidades, sem se identificar plenamente com nenhuma delas. O emigrante não assimila nem se deixa assimilar, e o imaginário e o visível exercem forças opostas, porém magnetizantes. A terceira e última parte explora a possibilidade de existir uma epistemologia dos *mundos possíveis*, onde o universo da nossa *realidade* possa coexistir com os *universos da ficção*, e possa potenciar contextos empíricos verdadeiros, consensuais e comunitários. Para credibilizar o espaço que um lugar inexplorado e distante pode ocupar numa narrativa, há uma interpelação das *Geografias Imaginárias* (1991) de Pierre Jourde, e dos “índios invisíveis” da *Floresta Esmeralda* (1985) de Boorman. Também *A Selva* de Castro é real e fantástica: “E não é disso que se trata, quase sempre, nesta obra de Ferreira de Castro, a *presença* obsidiante do *invisível*, sob a forma de ameaça do ataque dos índios?” (p.189).

Definitivamente, estamos perante uma coleção de ensaios singular pelo rigor analítico e pela seriedade intelectual, que todos estes textos comportam.